



**CARTA CIRCULAR
AOS CO-IRMÃOS**

**SOBRE A ESPIRITUALIDADE RESSURREICIONISTA
EM OCASIÃO DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE PE. PEDRO SEMENENKO, C.R.**

Roma 2014

[Os Coirmãos], conscientes do fato que eles levam o nome Dele, “aquele que não está aqui, mas ressuscitou e se encontra à direita de Deus, o Pai Todo-poderoso”, farão com que a semelhança deles, com Ele, esta nova vida consista em um sempre maior desapego de seus corações do mundo; e, tendo ressuscitado com Cristo, buscarão as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus, cuidarão das coisas do alto, não das coisas da terra (Col 3,1-2).

(Regra de 1850, Art. 7)

Queridos coirmãos!

Todo aniversário é uma boa ocasião para refrescar a memória e retornar às origens. Portanto, gostaria de fazer desta minha quarta carta circular um convite à dedicação pessoal e comunitária, reflexiva e piedosa à espiritualidade, que pela própria natureza da vocação, é o mais importante dever das pessoas consagradas. Os fundamentos da espiritualidade Ressurreicionista foram colocados por Pe. Pedro Semenenko, um dos co-fundadores da Congregação, um *sui generis* filósofo, ilustre teólogo, requisitado diretor espiritual e carismático confessor, que é universalmente considerado um dos melhores entendedores e desenvolvedores do pensamento do nosso Fundador, o Servo de Deus Deodato Janski. O seu verdadeiro sucesso foi a escritura da Regra dos Irmãos da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo em 1850. Ele era também – como descrito pelo Papa Leão XIII – a alma da nossa Congregação. Os historiadores são unânimes em afirmar que na escritura desta Regra, Pe. Pedro Semenenko se tornou para muitas gerações um guia fidedigno na trilha da vida espiritual da Congregação.

Ao falar de espiritualidade, devemos lembrar que a vida espiritual – isto é, “a vida segundo o Espírito” – é, acima de tudo, a busca daquilo que o Espírito do Cristo Ressuscitado quer de nós (cf. Rm 8,5).

Toda forma de vida consagrada aprovada pela Igreja, segundo o carisma recebido, desenvolve e alimenta a sua própria espiritualidade, que significa “um programa concreto de relacionamento com Deus e com o meio circunstante, caracterizado por modulações espirituais específicas e opções de ação que colocam em evidência e repropõe um ou outro aspecto do único mistério de Cristo” (*Vita Consecrata*, Art. 93).

Não precisamos ser lembrados que a nós Ressurreicionistas, a Providência confiou o mistério central da fé cristã.

Revedo o rico legado de Pe. Pedro Semenenko, gostaria de selecionar alguns elementos específicos que enrobustecem nosso relacionamento com Cristo e com nossos irmãos e irmãs.

1. ORAÇÃO CONSTANTE – MAS DE QUAL TIPO?

Se Deus é amor e santificação, oração também é amor e interação amorosa e santificante (Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, 164)

A vida segundo o Espírito é essencialmente uma vida de oração, que – como já era reconhecido na Regra de 1850 mencionada acima – deve ser algo constante no dia-dia de cada um de nós, donde o nosso inteiro ser deveria ser transformado em oração (cf. Art. 92). Nesta vida à qual fomos chamados, a oração é a mais nítida expressão do nosso amor por Deus; essa é uma resposta ao seu antecedente e seu completamente desmerecido amor por nós. Na oração começa o caminho da nossa vocação, uma peregrinação que dura toda a nossa vida. Um tal

amor, da nossa parte, pode resistir a tudo e permanecer firme até o fim (cf. 1Cor 13,7-8). Porém, se nossa oração se degenera em algum tipo de formalismo e rotina, este é um claro sinal de um declínio de fé e de amor, que ao longo do tempo traz como consequência a morte da vida espiritual. Papa Francisco escreve: “Se o ardor de Deus, do seu amor, da sua ternura, não está em nossos corações, então, como nós, que somos pobres pecadores, aqueceremos os corações das outras pessoas? (Papa Francisco, *Discurso durante o Congresso Internacional sobre a Catequese*, 27 de setembro de 2013). Pe. Pedro Semenenko também nos exorta de modo parecido: “Meus caros, meus queridos... apesar das vossas numerosas ocupações, não abandoneis a oração, mas lhe sede fiéis principalmente porque na oração Deus vos concede força e paz, e é exatamente disso que precisais em meio às tempestades e ataques que tendes de resistir” (*Lysty [Cartas]*, Vol. 7, 19-20). Como sabemos da nossa própria experiência, tais tempestades e tormentas nunca faltam em todos os tempos e lugares.

A oração é uma poderosa força motora no caminho para a santidade e um meio que nos une mais intimamente ao amor de Deus, porque “da oração aflui a graça de Deus: não podemos, por nós mesmos, atingir nossa sublime vocação nem propender à união com Deus no amor” (*Regra de 1850*, Art. 89). Não por acaso, as nossas Constituições nos chamam a nos esforçarmos para sermos “homens de oração” (*Constituições*, Art. 54). Não é fácil ser um homem como tal, especialmente nestes tempos em que o mundo nos instiga a construir uma civilização sem Deus, e as pessoas parecem se considerar tão fortes e sábias ao ponto de não precisarem da ajuda Deus. Contudo, sabemos e podemos conhecer por experiência própria que somente Ele é a fonte de força e sabedoria para nós, e que certamente contamos com a assistência do Espírito Santo: “porque não sabemos como rezar como deveríamos, mas o próprio Espírito Santo intercede por nós com gemidos inefáveis (Rm 8,26). Pe. Pedro Semenenko, fascinado pelo instrumento de comunicação de seu tempo, escreveu à Madre Karska, fundadora da Irmãs da Imaculada Conceição: “O Senhor Jesus é nosso telégrafo. Parece-me que existem tempos quando, sem que sejamos conscientes disso, recebemos comunicações interiores mandadas por Ele” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 105).

Esta consciência situa a ação apostólica na perspectiva da oração, porque a oração sem ações é somente uma declaração em um pôster que exhibe uma imagem caracterizada por inconsistência e falsidade: “De fato, toda oração deveria ser direcionada à ação. Deveria ser transformada em ação, enquanto toda ação deveria se tornar uma oração; somente desta forma obtém-se harmonia na vida” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 144). Da outra parte, os trabalhos de um uma pessoa, mesmo se tratando do melhor, sem o apoio da oração, perde seu valor sobrenatural quando a pessoa pensa somente a si mesma e em seu próprio interesse; e assim, “os semblantes dos irmãos e irmãs são obscurecidos e torna-se impossível reconhecer neles o semblante de Deus” (*Partir de Cristo*, Art. 25).

Perguntemos a nós mesmos:

Quanto tempo dedico à oração, especialmente à meditação, adoração, exame de consciência, leitura rezada das Escrituras?

Estando em oração, penso mais no amor de Deus e espero pela sua assistência misericordiosa ou me concentro em minhas ambições e interesses pessoais, nas minhas ideias ou na segurança do meu futuro imediato e distante?

Cultivo de forma sempre nova a chama original da minha vocação em cada situação, mesmo naquelas irremediáveis humanamente falando, lembrando que quando parece que Deus fecha uma porta ele está sempre abrindo uma janela?

Percebo que negligenciando e menosprezando a oração estou arriscando a perda dos grandes valores do amor, fé, esperança e alegria, dos quais a fonte é Cristo?

A nossa oração (pessoal e comunitária) leva as pessoas de hoje a elevar seus olhos aos céus, de modo que o dia-dia não os esmague mas se deixem ser extasiados por Deus e pelo Evangelho?

2. A OBEDIÊNCIA EVANGÉLICA – MAS DE QUE TIPO?

Na obediência encontrareis a mais segura e absolutamente certa garantia da vossa salvação e da graça de Deus por vós. Não deis ouvido a nenhuma tentação, muito menos àquela que brota do amor por si mesmo. Ouvi a voz de Deus. (Letters [Cartas], Vol. 3, 21)

Imitar Cristo e buscar a sua face – isso é a verdadeira essência da vida consagrada; nos esforçamos para fazer visível, na Igreja e no mundo, os traços característicos de Jesus – virgindade, pobreza e obediência (cf. *Vita Consecrata*, 1). Pe. Pedro Semenenko, segundo uma tradição centenária, considerava a vida do espírito, acima de tudo e antes de mais nada, uma vida obediente: isto é, viver procurando e cumprindo a vontade de Deus, mesmo quando isso implica um caminho de sacrifício até a cruz. A um dos nossos irmãos, ele escreveu que a base do verdadeiro religioso está na obediência: “Faça isso, porém, por amor a Deus, a quem professaste os votos, e pelo bem da tua alma” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 21).

A obediência, já no seu extrato etimológico, se refere ao “ouvir”: isto é, ser aberto ao outro e bem disposto a aceitar o que o outro quer comunicar. Isso significa que na sua essência o conselho evangélico da obediência, que na nossa realidade é elevado ao estado de voto, para a sua implementação, requer duas pessoas: uma que fala e uma que ouve. Naturalmente, aquele que fala é Deus. Porém, devemos nos lembrar que ele fala através de mediações externas: os eventos da vida, as agitações de nossos corações, a voz da consciência, as exigências que surgem da vocação recebida, “princípios sólidos” que guiam o funcionamento da comunidade, os regulamentos daqueles que possuem autoridade, as normas que vêm das nossas Constituições, os estatutos e outros tipos de legislação particular. Todos estes tipos de mediações humanas, frequentemente imperfeitos, mas mesmo assim ainda vinculantes em consciência, têm um único objetivo: nos ajudar a conhecer e praticar a vontade de Deus (cf. *Faciam tuam, Domine, requeiram*, Art. 9).

Uma preocupação particular de Pe. Pedro Semenenko era que a mediação dos superiores fosse excelente. Portanto, ele primeiramente nos lembra que o verdadeiro superior da Congregação é o Senhor Jesus, que na sua bondade, em cada passo e em cada momento, supre as imperfeições, fraquezas e pobreza do superior”; ele se empenha pela união e harmonia dos vários níveis de governo que são necessários para o desenvolvimento da obra de Deus; ele disciplina a pressa irracional e a superficialidade nas tarefas do superior, porque “é necessário que olhes dentro da alma de cada um e conquistes a confiança de cada membro; ele repreende o superior que não é pai suficiente, não demonstra um coração paterno, mas “governa por ordens”; ele insiste que a liderança tenha grande paciência, grande compreensão e indulgência, como também grande amor, porque o “único bom superior será aquele que é superior por amor”. A incumbência de ser um superior e ser tal segundo o plano de Deus, “requer completa abnegação”. Não podes nunca colocar a ti mesmo ou a própria vontade contra o sujeito. Ao agir, não deverias nunca confiar nas próprias forças. Deves sempre colocar Deus e sua vontade antes de tudo e fazer com que ela permaneça sempre em primeiro lugar. Deves colocar tua confiança na força de Deus, permitindo que ele faça tudo, enquanto tu simplesmente cooperas com Ele” (cf. *Letters [Cartas]*, Vol. 3, 22-31).

Todos os coirmãos, inclusive aqueles que algumas vezes exercitam o ministério de liderança, têm o privilégio e o dever de ouvir, de entrar humildemente na dinâmica da realização da vontade de Deus. As pessoas que servem como superiores maiores parecem ser

as que têm maior resistência e discriminação no ouvir os intermediários, especialmente nas situações extraordinárias e difíceis: quando deve sacrificar seus planos e ideias pessoais; quando é transferido longe de onde já se tinha iniciado um trabalho; quando deve mudar de uma comunidade para outra ou se adaptar na convivência com aqueles que são considerados pessoas difíceis; quando em nome do apostolado deve renunciar à reivindicação do direito de conduzir sua própria vida e missão; quando as necessidades ou os superiores parecem ser – humanamente falando – não muito convincentes (*Faciam tuam, Domine, requiram*, Art. 10). Por conseguinte, Pe. Pedro Semenenko sublinha a necessidade de duas atitudes na obediência: um ponto de vista sobrenatural e uma confiança incondicional. Ele escreve em sua carta: “O superior é realmente um representante de Deus e age como seu vigário; [...] ele fala em nome de Deus; [...] Deus é com ele”. “A falta de confiança paralisa tudo e faz em pedaços as coisas em nossas próprias mãos. Confiança é semelhante ao óleo que unge externamente e na sua essência revigora internamente” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 22-26).

Perguntemos a nós mesmos:

Em consideração às coisas pelas quais me esforço de verdade e àquelas que realmente desejo na minha vida cotidiana: são coisas minhas ou de Deus e a sua vontade? Busco privilégios pela satisfação da popularidade ou outras coisas passageiras, ou busco aquelas que são eternas?

Escuto a voz de Deus através do aprofundamento do meu conhecimento das leis da Igreja, da nossa própria legislação, história e espiritualidade da Congregação como também das intuições espirituais dos nossos fundadores?

Quais são os obstáculos que se encontram no caminho de implementação do voto de obediência: talvez seja a preguiça, a arrogância, o orgulho? Talvez seja a busca do meu próprio conforto, gratificação e prazer? Talvez seja a minha glória pessoal ou o elogio dos outros e a vaidade em geral? Ou talvez sejam meus objetivos, intenções e realizações pessoais?

3. COMUNHÃO COM CRISTO – MAS DE QUE TIPO?

*Assim como existem três elementos essenciais de vida inerentes à pessoa: luz, ar e alimento; em modo semelhante, para a nossa vida sobrenatural, a palavra de Deus é a luz que vem do alto, oração é o nosso ar espiritual e o verdadeiro Pão descido do céu é nosso essencial alimento. (Pe. Pedro Semenenko C.R., *Mądrość ascezy [A Sabedoria da Ascese]*, 50, n°48)*

Ouvir e obedecer conduzem diretamente à rica realidade da Palavra de Deus, que é “a primeira fonte de toda a espiritualidade cristã. Ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com sua vontade salvífica e santificadora” (*Vita Consecrata*, Art. 94). Ela é também, juntamente com a oração, a liturgia e os sacramentos, um meio efetivo de fortalecimento dos nossos vínculos com Cristo. Portanto, a Palavra de Deus sempre foi uma inspiração para o estudo e o desenvolvimento do carisma e da missão de uma comunidade religiosa.

No legado de Pe. Pedro Semenenko não existem verdadeiras obras exegéticas ou incentivos especiais para a leitura e meditação da Palavra de Deus, porque para ele isso era uma coisa óbvia. Além disso, ele provém da escola da Casa de Janski, onde as Sagradas Escrituras eram o “pão espiritual cotidiano”: citações bíblicas nas paredes da casa, uma hora por dia de leitura bíblica e a obrigação de conhecê-las a fundo memorizando as palavras do Senhor Jesus (Deodato Janski, *Diary [Diário]*, 331.340). Foi da comunhão com a Palavra de

Deus que Pe. Pedro Semenenko obteve a luz necessária para estudar, entender e se apaixonar pela sua própria vocação; assim, ele encontrou a força para seguir e realizar sua missão; e como diretor espiritual e pregador, ele era capaz de ler os sinais do caminho da santidade.

Neste espírito, a Regra de 1850 recomendava a preparação diligente para a pregação do Evangelho, assim que os fiéis fossem iluminados, mais profundamente versados nos mistérios divinos, fortalecidos na santidade. O modelo aqui é o Cristo Ressuscitado, que explica as Escrituras aos discípulos na estrada para Emaús, assim que “seus corações ardiam dentro deles” (cf. Art. 190).

Hoje a Igreja redescobriu a *lectio divina*, à qual muita atenção foi dada desde o início da vida religiosa: “Por meio dela, a Palavra de Deus é transferida para a vida, projetando sobre esta a luz da sabedoria, que é dom do Espírito” (*Vita Consecrata*, Art. 94). Os textos que apresentam as palavras e ações de Jesus Cristo são particularmente apropriados para a meditação rezada da Palavra de Deus.

Seria bom e útil que nos nossos dias de retiro e exercícios espirituais, nos apoiássemos frequentemente neste método e o aplicássemos com insistência nos nossos trabalhos educacionais e paroquiais. De fato, este método produz frutos extraordinários: nos treina à contemplação, estimula nosso zelo no seguimento de Cristo, ajuda-nos a interpretar a vontade de Deus e nos motiva a agir de acordo com ela, esparge luz sobre os mistérios da fé e da vida humana, fortifica a nossa vocação e orienta a nossa existência ao sobrenatural. No contexto Ressurreicionista poderíamos dizer que a *lectio divina* inicia a nossa conversão e direciona o seu dinamismo de modo que dure a vida toda; revela as realidades para as quais devemos morrer e demarca para nós o caminho para a nova vida; e, o mais importante, revela-nos o amor de Deus, que perdoa, nos vem em socorro e nos enaltece (Cf. *Constituições*, Art. 1).

Perguntemos a nós mesmos:

Valorizo e aprecio o grande dom da Palavra de Deus? Tento penetrar mais profundamente nos textos inspirados usando os instrumentos e ajudas que se tornam cada vez mais disponíveis para mim?

O que tenho feito para que a Palavra de Deus possa significar e avivar em nós a esperança que nós, mensageiros “oficiais” e testemunhas qualificadas, devemos levar aos outros?

Coloco a Palavra de Deus em primeiro lugar e permito que seja essa a guiar a minha vida diária? Ou, ao contrário, sou guiado por costumes e hábitos, pensamentos estereotipados, superstições e preconceitos?

Sinto concretamente que a Palavra de Deus é para mim amparo e refrigério? Essa é capaz de encher meu coração de esperança, paz e alegria?

4. PRÁTICAS ASCÉTICAS – MAS DE QUE TIPO?

Sinto-me totalmente extasiado, se posso falar assim, no Senhor Jesus, na Sua bondade, no Seu amor; ofereço-me inteiramente à Ele; antes, entreguei-me a Ele definitivamente de uma vez por todas e quero viver totalmente sob o domínio Dele. Insisto que Ele seja necessariamente meu Senhor, que Ele se beneficie completamente da minha dedicação e exercite Seus direitos sobre mim. (Listy [Cartas], Vol. 11, 26)

Uma outra instância concreta da espiritualidade são as práticas ascéticas, incluindo atos de devoção interiores e ações exteriores. Pe. Pedro Semenenko, um especialista em matéria de âmbito espiritual, não era somente um teórico mas também um verdadeiro asceta. Cativado pelas pessoas e ensinamentos de Jesus, ele era capaz de assumir desafios de renúncia,

purificação e transformação; ele sabia como se empenhar pela sua vida interior, pela sua aliança com Jesus Cristo, para se entregar completamente em Suas mãos. Ao mesmo tempo, ele era uma pessoa realista e sabia que o ascetismo que conduz à perfeição requer a maior disposição possível de si mesmo e é “como decapitação, distingue claramente dois tipos diferentes de vida: a nossa e aquela de Cristo” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 175).

*

Se a imitação de Cristo – nos dois sentidos da palavra: como seguindo-O (*sequela*) e assemelhando-se a Ele (*imitatio*) – é “uma repetição da inteira vida do Senhor Jesus” (*Spiritual Exercises [Exercícios Espirituais]*, 65), portanto em ambos os sentidos – na visão de Pe. Pedro Semenenko – o Tempo Pascal é extremamente importante. Este tempo apresenta, em um modo particularmente original, a sua percepção ascética da ressurreição de Cristo, como um prelúdio à transformação interior, uma nova qualidade de vida espiritual. Portanto, o sepulcro fechado com uma enorme pedra é uma metáfora da pessoa escravizada e derrubada à terra pelo peso esmagador de suas próprias paixões e sensualidade: o sigilo oficial na entrada do sepulcro é um sinal de desamparo e impotência da pessoa que não leva Deus em consideração, rejeita a vontade de Deus e quer governar ela mesma a sua vida; e o deslumbrante anjo representa a onipotência de Deus, que traz a pessoa de volta à vida e a ilumina. Este é o poder de Deus, que quebra o sigilo e remove a pedra – como no caso da ressurreição de Cristo – e eleva a natureza humana decaída a um estado de vida nova. Assim, o intelecto recebe a coroa da lucidez e da verdade; o manto real da bondade e ternura de Deus envolve o coração; a vontade recebe o cetro da autoridade e do domínio de Deus para viver doravante por amor, e através do amor reinar em eterna união com Deus (*Our Father [Pai Nosso]*, 178-186; *Spiritual Exercises [Exercícios Espirituais]*, 229-233; *Credo [Creio]*, 242-243).

Perguntemos a nós mesmos:

Interesso-me pela espiritualidade Ressurreicionista? O que faço para entender melhor e penetrar mais a fundo essa espiritualidade? Tenho grandes visões e desejos?

O radicalismo que conduz à ressurreição espiritual me assusta?

A ligação aos meus próprios julgamentos, preferências e caprichos “me mantém no portão da santidade e não me permitem entrar” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 107)?

Lembro-me que meu desejo por uma nova vida com Cristo é em benefício do Povo de Deus e uma contribuição à transformação do mundo?

*

A Igreja sempre acreditou que as práticas ascéticas exteriores são um meio eficaz na busca da santidade, porque elas ajudam a dominar e corrigir as inclinações da natureza humana ferida pelo pecado (cf. *Vita Consecrata*, Art. 38). Neste campo, Pe. Pedro Semenenko enxergou o importante papel do diretor espiritual, porque ele acreditava que “toda pessoa que deseja progredir em perfeição precisa de um guia” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 100). Este ministério espiritual de Pe. Pedro Semenenko, praticado entre personalidades importantes de seu tempo, também o mobilizou em direção a um trabalho quase heroico nele mesmo. Em matéria de vida espiritual, ele era convicto que “por direito divino, toda alma, que deseja progredir em perfeição, deve se submeter à direção espiritual. Ninguém pode começar por si mesmo a se auto guiar, segundo a sua própria vontade. Esta é a ordem estabelecida por Deus. [...] Ninguém pode trocar de diretor espiritual da mesma maneira que deseja trocar de roupa ou de residência” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 101). Em modo parecido, São João Paulo II escreveu com firmeza: “Ninguém pode se eximir da obrigação de se aplicar ao próprio

crescimento humano e religioso; em prova do que digo, ninguém pode ser excessivamente confiante ao ponto de pretender viver a própria vida com autossuficiência. Em nenhuma fase da vida a pessoa pode se sentir tão segura e comprometida ao ponto de não dar a justa atenção à garantia da perseverança na fidelidade, assim como não existe uma idade na qual a pessoa tenha atingido completamente a maturidade” (*Vita Consecrata*, Art. 69).

Portanto, não podemos nos privar da direção espiritual, do conselho e da consolação. Não podemos confiar em nós mesmo (na própria vontade, no amor próprio, na própria atividade). Não deveríamos esperar por nenhum progresso especial se não utilizamos as fontes que Deus coloca à nossa disposição. Não podemos nunca renunciar ao incessável e perseverante progresso no caminho do Cristo crucificado e ressuscitado.

Perguntemos a nós mesmos:

No meu trabalho espiritual rejeito me contentar com o minimalismo e não perco a objetividade da minha visão? Sou seguro que uma visão limitada e falta de transparência não são uma ameaça para mim?

Sou sensível às necessidades espirituais dos meus irmãos, que talvez estejam precisando de uma palavra que conforta, algum conselho, apoio e assistência?

Tento não me desencorajar pela falta de resultados no meu trabalho? Ou me esqueço que a vida espiritual requer tempo e perseverança com aplicação de toda minha energia, meios e modos?

*

Na nossa tradição ascética não encontramos nenhum fundamento para tipos especiais de mortificação, mas apesar disso o próprio conceito (do latim *mortificatio*) refere-se à “ausência de vida”, processo de morte, morte. Ao mesmo tempo, a mortificação não se caracteriza por atos isolados, mas por uma atitude constante, que Pe. Pedro Semenenko descreve como “um espírito de mortificação”, ao qual ele também incorpora as dificuldades e sofrimentos. O sofrimento surge do desafio de ter que nos tolerarmos uns aos outros, do esforço para vencer todas as adversidades da vida, da superação de todas as dificuldades, da rejeição de tudo que nos distancia de Deus (cf. *Regra de 1882*, Art. 79).

Labuta e esforço compõem o nosso trabalho, que na nossa espiritualidade, é apresentado não somente como uma expressão da pobreza espiritual mas também como um precioso e essencial componente de mortificação exterior. (cf. *Constituições*, Artigos 27 e 82). Este trabalho, porém, deveria ser realizado “não somente com fidelidade mas, além disso, com grande veemência” (*Regra de 1882*, Art. 80), “com amor e alegria” (*Constituições de 1966*, Art. 91) e zelo (*Constituições*, Art. 82). A boa vontade para o trabalho sempre foi um dos critérios mais importantes da nossa vocação; por isso, Pe. Pedro Semenenko enuncia em uma de suas cartas a “regra” de que um indivíduo “sob a influência dos sentidos, que vive completamente de aparência, que gosta de conveniência, etc., e conseqüentemente é incapaz de sacrifício, renúncia de si mesmo e mortificação” (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 3), não é adequado para a vida religiosa. Consciente desta exigência de trabalho, devemos lembrar que em toda fadiga encontramos, de um lado, uma parcela da cruz de Cristo e, do outro lado, um vislumbre da Ressurreição, onde aparece uma nova vida, um novo bem, que contribui para a melhor organização da sociedade humana (cf. João Paulo II, *Laborem exercens*, Art. 27).

Perguntemos a nós mesmos:

Cultivo um espírito de mortificação, observando pelo menos as práticas ascéticas comunitárias e individuais contidas em nossas Constituições e Estatutos?

Considero meu trabalho e meus deveres (algumas vezes até mesmo aqueles indesejáveis) como exercícios espirituais que me ajudam no caminho da santidade? Zelo, diligência, generosidade e honestidade me acompanham em meus trabalhos?

Realizando meu trabalho apostólico, levo em consideração a solidariedade com aqueles que são mais vulneráveis, discriminados, pobres e feridos?

*

Expus para vós alguns elementos concretos selecionados da espiritualidade de Pe. Pedro Sememenko. Percebe-se neles uma atmosfera serena; encontramos, emanando deles, amor e verdade, esperança e otimismo, que são a fonte da passagem de Cristo através da morte à ressurreição como também a sua contínua presença em nossas vidas.

Desejo que esta carta vos sirva como um convite a caminhar mais uma vez com o Cristo Ressuscitado na estrada de Emaús; “encontrar de novo o primeiro amor, a faísca inspiradora que primeiramente suscitou ao seguimento (Dele)” (*Partir de Cristo*, Art. 22). Quem, senão nós Ressurreicionistas, sente o coração ardendo dentro de nós enquanto ouvimos a Palavra de Deus ao longo da estrada, o reconhece no partir do pão e faz com que nossos irmãos e irmãs comecem a anunciar a Boa Notícia!?

Confiemos nossa “vida segundo o Espírito” e o nosso modo Ressurreicionista de viver para Cristo, à nossa Mãe, Nossa Senhora das Graças de Mentorella, com as palavras de uma oração de Pe. Pedro Sememenko:

“Interceda por nós a nossa Mãe Santíssima, Mãe de misericórdia e compaixão, que é repleta de bondade e piedade. Ela obtenha e derrame abundantemente sobre nós as graças necessárias que transformam totalmente a pessoa de velho a novo ser, de Adão à Cristo; assim que possamos ser novas criaturas, Naquele no qual não existe vestígio da precedente queda e corrupção, mas somente pureza e justiça nova. Ela obtenha para nós a graça do silêncio e da humildade, a graça de habitar dentro da nossa própria nulidade e colocar nossa confiança em Deus; mas também um profundo e fervente amor, aquele amor que surge do amor: o cumprimento da vontade de Deus com veemência e boa vontade (*Letters [Cartas]*, Vol. 3, 106-107).

In Christo Redivivo,



Pe. Bernard Hylla, C.R.
Superior Geral
19º Sucessor do Irmão Mais Velho Deodato Janski

Roma, 29 de junho de 2014.

200º do Aniversário Natalício de Pe. Pedro Sememenko, C.R.